

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O Tear e sua criadora

Embora não tivesse sido programado com este sentido, o lançamento do livro *No teatro da história - Maria Helena Lopes*, de autoria de Juliana Wolkmer, acabou ocorrendo pouco depois do falecimento da personagem, a conhecida diretora e professora de teatro, cuja carreira decorreu inteiramente no Departamento de Arte Dramática (DAD) da Ufrgs. A autora também teve formação no DAD e sua primeira aproximação com a obra da diretora foi enquanto aluna da mesma escola.

Organizado sob diferentes perspectivas, uma das quais explora os dados biográficos de Maria Helena, o livro trabalha também, de um lado, as pesquisas da fundadora do grupo Tear e, de outro, a professora que desenvolveu carreira na escola universitária. O que fica evidente, neste levantamento, é que as duas experiências se cruzam e se interalimentam.

Juliana mantém, há tempos, um site em que conta histórias sobre o teatro sul-rio-grandense, em especial, de Porto Alegre. Evidentemente, ela conhece o tema que aborda. Para o livro, ela desenvolveu minuciosa pesquisa, além de ter conseguido algumas entrevistas com a personagem, ainda antes que a doença impedisse por completo tais contatos.

O volume traz ainda uma valiosa iconografia, que vai além de imagens dos diferentes espetáculos dirigidos por Maria Helena, abordando sua vida desde a infância. Como linha mestra de todo o trabalho, Juliana destaca a crença que a diretora expressava de que o teatro era essencialmente uma arte do efêmero e que, por isso mesmo, não pode ser pensado enquanto uma atividade rotineira, ou burocrática, mas que exige uma dedicação plena e livre para quem o pratica. Por isso, Maria Helena sempre valorizou o trabalho coletivo, preferindo criar seus próprios textos/roteiros do que se valer de textos dramáticos preexistentes, com raríssimas exceções.

De *Teatro: variações sobre o tema*, com roteiro original de Luís Artur Nunes, de 1967, a *Solos em cena*, que encerrou a trajetória do grupo Tear (em 2000), foram pouco mais de três décadas de trabalhos que sempre

partiram da improvisação. Mas por mais que tal prática sugerisse a efemeridade do espetáculo de teatro - coisa que as atuais tecnologias de certo modo suprimam -, a diretora acreditou na função essencial e vital da arte dramática.

Sua pedagogia foi a improvisação, mas isso não impedia o rigorismo do trabalho. Todos os depoimentos (de alunos, intérpretes ou integrantes de suas equipes de produção) são unânimes em salientar este aspecto de exigência radical na perspectiva estética e ética, lembrando, quem sabe, a tradição grega de que o bonito se aproximava do bom, e o bom era o que se constituía em belo, isto é, aquilo que tivesse medida de equilíbrio.

A leitura do livro, por outro lado, mesmo para quem, como eu, acompanhei praticamente todo o trabalho de Maria Helena Lopes - e isso fica atestado pelos inúmeros recortes de comentários que fiz a respeito de

seus espetáculos e que são mencionados nas suas páginas - surpreende também por um outro aspecto: o conjunto de artistas (de diversas áreas) que ela mobilizou a sua volta. Além do já mencionado Luís Artur Nunes, se somam nomes como os de Irene Brietzke, Luiz Francisco Fabretti, Luiz

Damasceno, Renato Rosa, Caio Fernando Abreu, Maria Lídia Magliani, Ida Celina, Cecília Niesemblat, Vaniá Brown, Graça Nunes, Maria Luiza Martini, Carlos Carvalho, Suzana Saldanha, Eduardo Cruz, Nara Keiserman, e assim por diante.

O que fica evidente é que o Tear foi, sob a animação de Maria Helena Lopes, mais que um grupo de teatro. Era um centro de sensibilização artística, de exploração estética, um lugar onde as pessoas podiam se encontrar, se expressar e se organizar sensorialmente para refletirem a respeito da condição humana e da condição histórica daquele contexto que então viviam.

Em síntese, a autora conseguiu, nas páginas de sua obra, recriar o élan que o grupo Tear e, sobretudo, sua idealizadora, animadora e diretora, soube desenvolver: tecer relações entre a sensibilidade e a humanidade. Não por acaso, o grupo atravessou fronteiras e ecoou no centro do País.

Maria Helena sempre valorizou o trabalho coletivo, preferindo criar seus próprios textos/roteiros, com raríssimas exceções

acontece

Tocou com Michael Jackson e vai ganhar filme



The groove under the groove, os sons de Paulinho da Costa estreia na Netflix no primeiro semestre

“Um filme quase impossível de ser realizado”. Assim vem sendo definido o documentário *The groove under the groove, os sons de Paulinho da Costa*, que estreia no primeiro semestre de 2026 na Netflix, com direção de Oscar Rodrigues Alves e produção de Alan Terpins. Paulinho da Costa, para quem não sabe, é o percussionista brasileiro que, a partir dos anos 1970, fez carreira nos Estados Unidos - e se tornou um dos mais importantes músicos do mundo.

Os feitos de Costa podem ser elencados de diferentes maneiras: por artistas, faixas ou discos. Todos memoráveis. Quatro exemplos fortes suficientes para justificar a fama dele: participou como músico do single *Endless love* (1981), de Diana Ross & Lionel Richie; do poderoso álbum *Thriller* (1982), de Michael Jackson, sob a batuta do não menos genial Quincy Jones (1933-2024); da faixa *We are the world* (1985), na mágica noite que mudou o pop; e de *La isla bonita* (1986), de Madonna - Costa é o primeiro rosto a aparecer no clipe oficial da faixa, tocando bongô.

Só isso bastaria para que o músico de 77 anos quisesse exibir todas essas “medalhas” no peito. “Primeiramente, não foi nada fácil me convencer a fazer o documentário. Como já disse antes, sou discreto”, afirma Costa. “O Oscar (diretor) insistiu muito para fazermos o documentário”, emenda.

A produção levou dez anos para ficar pronta. As gravações foram realizadas em Los Angeles (EUA); na Bahia, onde Paulinho nunca havia estado antes; e em sua terra natal, Rio de Janeiro. “Sou fã do Paulinho desde 1978, eu era bem moleque quando fiquei louco pelos sons dele”, explica Alves, sobre a persistência.

O diretor tem razão. É fácil se apaixonar pelos álbuns nos quais Costa pôs suas

mágicas mãos. Além dos *hits* incontestáveis, o músico também era chamado para dar “molho” a gravações que remetiam ao Brasil. Ele está na ficha técnica de *Ella abraça Jobim*, álbum que Ella Fitzgerald dedicou inteiramente às canções do compositor brasileiro, em 1981, no qual toca ao lado de grandes nomes da música mundial, como o gaitista belga Toots Thielemans, o guitarrista americano Joe Pass e o violonista brasileiro Oscar Castro Neves.

Em *Brazilian romance*, um dos “discos brasileiros” de Sarah Vaughan, de 1987, Costa tem seu nome creditado na capa como convidado ao lado de George Duke, Tom Scott, Hubert Laws e Ernie Watts. Neste álbum, há versões em inglês para canções como *Nada será como antes* e *Canção do sal*, com arranjos de Dori Caymmi.

Nascido em Irajá, na zona norte do Rio, Costa atuou no Brasil no início de sua carreira, nos anos 1970, antes de ter sua primeira chance internacional, em 1972, com o também brasileiro Sérgio Mendes. Teve contato com os instrumentos de percussão em escolas de samba de sua cidade.

Trabalhou como músico da boate Number One, em Ipanema, onde tocou, por exemplo, com a cantora Maria Alcina. No palco, eles dividiam uma performance em *Me dá, me dá*, sucesso de Carmen Miranda. Alcina também levou Costa para tocar no *Festival Internacional da Canção*, com a qual venceu a fase nacional com *Fio maravilha*. Outra cantora que se apresentava na boate, Alcione, conta que cantou com Costa na banda “inúmeras vezes”.

The groove under the groove, os sons de Paulinho da Costa vai contar essas e outras histórias do músico, que em 13 de maio deste ano ainda vai ganhar sua estrela na Calçada da Fama de Hollywood. O músico será a primeira pessoa nascida no Brasil a ter este espaço.

A coluna de cinema, assinada por Hélio Nascimento, não será publicada nesta semana.